

“ASSASSINOS EM SÉRIE NASCEM ASSIM OU SÃO PRODUTOS DA SOCIEDADE?”: reflexões a partir de um estudo de caso

Maria Clara Dias Fortunato¹
Me. João Camilo de Souza Junior²

RESUMO: Introdução: Assassinos em série são pessoas que matam outros indivíduos de acordo com seu próprio desejo, revelando estratégias quanto a escolha das vítimas conforme sua preferência sexual, social e até mesmo cultural. O seguinte artigo denota a importância de estudar sobre assassinos em série e os diversos contextos que podem classificá-los da forma como são conhecidos. **Objetivos:** Refletir acerca das causas para a criação dos assassinos em série, os comportamentos que os caracterizam e a sua definição. **Metodologia:** Neste artigo foi utilizado um estudo de caso para melhor entendimento com um caso real de assassino em série, com uma pesquisa exploratória. **Resultados e Discussões:** O presente tópico apresenta um estudo de caso baseado em fatos reais da vida de um assassino sequencial, como se desenvolveu sua história de vida e o ambiente que fazia parte, evidenciando como um espaço desestruturado pode contribuir negativamente na vida das pessoas. **Considerações Finais:** De acordo com pesquisas realizadas no processo deste artigo, não foi possível encontrar causas para a criação de um assassino em série, pois, existem vários fatores externos e internos que podem influenciar diretamente e indiretamente a vida de uma pessoa.

Palavras-chave: Assassinos em série. Contextos sociais. Modo de operação.

“Nós Serial Killers, somos seus filhos, nós somos seus maridos, nós estamos em toda parte” (DUPLA..., 2014).

1. INTRODUÇÃO

O termo “assassino em série” consiste em denominar indivíduos que matam diversas pessoas em um determinado espaço de tempo. Estes assassinos são caracterizados por seu modo de operação, com maneiras de agir semelhantes, pelas quais seguem os mesmos padrões nas cenas de crimes, em que a preferência da vítima pode ser estabelecida como alguma característica da pessoa que atraía o assassino em série (Casoy, 2004)

A expressão “assassino em série” foi utilizada pela primeira vez em 1970 nos Estados Unidos, por

¹ Graduanda em Psicologia pela UNIFUCAMP, mariafortunato@unifucamp.edu.br

² Mestre em Psicologia pela UFU, docente da UNIFUCAMP, joao.camilo.s.j@gmail.com

meio do que foi nomeado como “*serial killer*” por um agente do FBI, Robert Reesler, que atuava na área de delimitação de perfis criminosos e violentos na cidade de Quântico, no estado norte-americano da Virgínia. Reesler realizava entrevistas com assassinos em série com intuito de criar um perfil criminal que ajudasse na captura destes assassinos e compreendesse os porquês do cometimento dos crimes (Lima; Sanchez, 2017).

Porém, o estudo sobre criminologia não se inicia no século XX, pois, historicamente, o crime como campo de estudos e a análise dos perfis de potenciais criminosos data de tempos anteriores, sobretudo nos séculos XVIII e XIX. Médicos acreditavam que o corpo físico poderia revelar se o indivíduo seria dotado de uma natureza criminosa ou não. Cesare Lombroso, por exemplo, começou a estudar a fisionomia dos criminosos nas penitenciárias, a fim de encontrar o que diferem os assassinos das outras pessoas que não cometem assassinatos. Com isso, o estudioso italiano realizou autópsia em um detento executado, e ainda, realizou vários outros estudos em que a anatomia do indivíduo tornou-se algo prestigiado na busca pela etiologia dos perfis criminosos, criando, nesse sentido, uma sistematização na concepção dos casos analisados, que variavam entre: criminosos ocasionais, levados a cometer crimes diante de fatores externos e criminosos de nascença, que por sua vez possuíam uma falha hereditária, sendo exposto nas características físicas (Innes, 2009).

Para Lombroso, assassinos possuíam mandíbulas grandes, as bochechas eram mais afastadas, a cor dos cabelos sendo escuros e grossos, com barbas feitas e um rosto esquelético (Lombroso, 1895 apud Innes, 2009). Diante desses atributos levantados, pôde-se observar que na época houve uma simplificação ao representar essas pessoas, incorrendo em uma estigmatização, ou seja, qualquer um que obtivesse tais características seria considerado potencialmente delinquente, podendo assim, erroneamente condenar *a priori* pessoas inocentes.

Eis então um tema polêmico que virtualmente pode abranger a sociedade em suas preocupações com a segurança e curiosidade. Hoje em dia, a caracterização de assassino em série se encontra presente em diversos filmes, séries, jornais e documentários de casos reais com entrevistas com os familiares das vítimas, os quais, em teoria, demonstrariam a importância que as pessoas que perderam suas vidas merecem, porém, o que se passa na realidade é a transformação do assassino em uma “verdadeira celebridade”, digna, ao mesmo tempo, de aversão e sedução.

Embora tal tema esteja em pauta na ciência por mais de um século, ainda, muito se discute sobre a etiologia das características psicológicas destes assassinos, ou seja, quais fatores poderiam em tese

influenciar de forma basal o desenvolvimento de tais cenários psicológicos. Algumas variáveis são levantadas por diferentes áreas do saber, por exemplo: a existência de algum distúrbio genético inato; se em algum momento a criança em seu desenvolvimento se sentiu oprimida, violentada ou intimidada pela cultura, fazendo com que ela se rebelde em sua violência contra a sociedade; ou se foi um possível fruto da criação familiar. Ainda é uma incógnita a causa, porém, as consequências são diariamente estampadas na TV, em redes sociais e na vida real.

Nesse sentido, o *objetivo* deste artigo em pauta é, por meio da análise de um estudo de caso, questionar sobre o comportamento de um assassino serial, sua natureza e as condutas recorrentes que os caracterizam, ou seja, essa junção de fatores. Portanto, pergunta-se adicionalmente: quais seriam as causas que tornam uma pessoa em assassino em série? Assim como citado acima, as razões são diversas, mas ainda não foi comprovado o que de fato ocorre para a “criação” de pessoas que matam outros indivíduos, causando um estranhamento na sociedade.

Como *justificativa pessoal*, a escolha do tema se deu através da curiosidade na tentativa de entender porquê assassinos em séries são pessoas com comportamentos, desejos, vontades diferentes da maioria da sociedade, o porquê eles expressam seus anseios através da violência e sua lascívia está ligada ao sofrimento do outro.

Um dos possíveis temas de estudo sobre os assassinos em série tem por finalidade conhecer a psique de um assassino serial, tentando entender quais as causas, a dimensão da influência do ambiente, se é possível afirmar que a etiologia é biológica, dentre outros debates que ensejam entender de forma mais ampla a fenomenologia que envolve a estruturação psíquica de tais indivíduos, pois, debatendo sobre estas questões pode-se prevenir/preparar as pessoas para lidar com as diversas facetas de uma fantasia de um sujeito, sendo ele prejudicial ou não para a sociedade. Justifica-se, assim, *academicamente*, a produção do presente texto. Outro fator importante a ser destacado para que este artigo seja produzido, trata-se de contribuir academicamente com mais informações para que se tenham diversos debates e artigos sobre o tema, sendo possível entender a mente do assassino, qual a sua fundamentação e de acordo com ela discutir hipóteses de tratamento caso tenha.

É também necessária a extinção de um tabu criado acerca do termo assassino em série, a fim de, tornar-se de conhecimento público as características destes assassinos, com o intuito de não generalizar qualquer caso de homicídio como um assassino em série, mas também entender sobre sua origem e

comportamentos que ajudem as pessoas a identificá-los, atribuindo-se assim uma *justificativa social* para a presente pesquisa.

Este artigo será desenvolvido e dividido em “fundamentação Teórica”, “metodologia”, “resultados e discussão” e “considerações finais”. A fundamentação teórica contará com o auxílio de artigos para definir o assassino em série, as prováveis causas e os comportamentos característicos; a metodologia, por sua vez, utilizará o recurso de estudo de caso para responder de acordo com a biografia de um assassino em série as possíveis causas que fizeram o criminoso ceifar a vida de várias pessoas; os resultados e discussões que abarcará a vida de Edmund Kemper e a análise de seu caso e por fim, as considerações finais que embasam toda discussão ao longo do artigo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

O artigo trata de debater sobre as possíveis causas que expliquem um indivíduo se tornar um assassino em série, quais os comportamentos típicos que os mesmos possuem e qual sua definição. Este estudo terá a premissa de fomentar a discussão dos motivos da criação de um assassino sequencial.

2.1 À guisa de uma possível definição de assassinos em série

“Aceitamos como definição que *serial killers* são indivíduos que cometem uma série de homicídios durante algum período de tempo, com pelo menos alguns dias de intervalo entre eles” (Casoy, 2004, p. 14). O termo *serial killer* é traduzido como assassino em série em português. A razão de o assassino em série ser caracterizado como tal, se dá através de fatores externos, o meio social e biológico, por isso, se torna complexo definir e identificar a etiologia deste comportamento como resposta para todos os assassinos seriais (Casoy, 2004)

Ferreira (2010, p. 12), ao dizer sobre quais fatores estão em voga na tentativa de se definir sobre o que seria um assassino em série e seu modo de agir, relatando que há uma escolha deliberada pelo perfil da vítima, haja vista que “as vítimas representam um símbolo, mas geralmente são escolhidas ao acaso e mortas sem nenhuma razão aparente”, afirma que tal escolha é calculada, às vezes friamente pensada, ou seja, as vítimas não são encontradas simplesmente pelo acaso. Sobretudo, o motivo do crime, a escolha pelo perfil da vítima remete a algo simbólico que advém de alguma vivência do assassino, dialogando

semanticamente entre uma vivência prévia e a execução do ato criminoso.

Innes (2009) relata que o Dr. Kim Rossmo, detetive e criador dos perfis geográficos, dividiu em quatro categorias os assassinos em série em relação a como eles encontram suas vítimas, sendo o primeiro deles o *caçador*: o assassino captura as mesmas em um local que reside, ou seja, não despendem de muita energia para procurar, geralmente podem ser seus vizinhos ou morar em um mesmo bairro; já o *furtivo* costuma viajar para realizar a caçada atrás das pessoas, não costuma cometer seus assassinatos onde o mesmo reside.

Como a autora do parágrafo acima aponta (2009), o assassino *oportunista* encontra eventualmente suas vítimas enquanto está trabalhando, estudando, em um bar, isto é, fazendo outras atividades que não estão relacionadas a matar e por fim, temos o assassino *ardiloso* que usa de sua posição em um trabalho para atrair as vítimas, pode ficar em um local oferecendo carona como o assassino Edmund Kemper ou até mesmo criar uma situação em que ele precise abordar a pessoa que ele deseja matar, Ted Bundy tinha costume de pedir ajuda para abrir o porta-malas, pois, estava com o braço quebrado, se mostrando mentira mais tarde.

Em outra possível divisão conceitual e nominativa associada ao perfil de tais criminosos, como propõe Ilana Casoy (2004), assassinos em série são divididos em quatro grupos. Inicialmente temos o *visionário*, sobre o qual pode-se dizer que o mesmo não está lúcido sobre a realidade, ou seja, há uma sintomatologia delirante e alucinatória, pois, afirma ouvir vozes com ordens para que ele as obedeça e costumam não enxergar a realidade como ela é, tendo alucinações ou visões, este grupo pode estar relacionado com assassinos em série diagnosticados como esquizofrênicos. O segundo grupo trata do que a autora chama de *missionários*, os quais tendem a “salvar” o mundo do que ele acredita que pode ser mal, ou por acreditar que os matando pode estar fazendo um bem para a sociedade. Um exemplo desse grupo é Jim Jones, que organizou um suicídio coletivo, convencendo as pessoas de que estavam protestando contra as condições do mundo, ao mesmo tempo em que se salvavam, pois Jones profetizava que o cometa que estava passando próximo ao planeta Terra era uma nave espacial que os levaria para um lugar melhor.

O terceiro grupo é dos *emotivos*, que praticam o ato do assassinato porque se divertem com isso, possuem prazer e são mais cruéis e sádicos. “Pedrinho Matador”, um dos maiores assassinos em série do Brasil, tatuou a frase “Mato por prazer”. De acordo com ele, matar tornou-se um vício. Na quarta colocação, os *libertinos* são assassinos em série ligados à dimensão sexual, haja vista que seu prazer está diretamente relacionado na tortura que envolve atos sexuais, na mutilação dos órgãos genitais, pois, quando cometem

estes crimes, satisfazem seus anseios e desejos, podem realizar ações necrófilas e canibais.

Outra característica importante, ressaltada por Innes (2009), lida e evidenciada por Alfred Adler, psicanalista da primeira geração, é o fato de que as pessoas criminosas provavelmente não se interessavam pelo outro como sujeito, como um indivíduo que tenha afetos e dotado de humanidade, abrindo, nesse sentido, a possibilidade de que se cometam crimes covardes sem a consecução de culpa ou remorso, sendo até mesmo uma maneira do criminoso em simplesmente descontar alguma frustração de sua vida. Nesse sentido, tal indivíduo lida com os problemas de sua vida de forma limitada, incapaz de elaborar de forma mais criativa afetos como angústia ou raiva, desvelando em atos agressivos a sua subjetividade marcada por rancor ou ressentimento.

Muitos assassinos em série possuem comportamentos sádicos, pois, seu gozo em ver o sofrimento alheio, é maior que se colocar no lugar de outra pessoa, já que são indivíduos sem empatia, são agressivos e que buscam prazer na dominação, em se sentir superior e dominante naquele momento, podendo fazer o que quiser. De acordo com o Dicionário Online de Português (2009), “sadismo” é caracterizado pela forma que o prazer é adquirido com o sofrimento de outra pessoa, ou seja, o indivíduo sente prazer em machucar o outro. Esta denominação está diretamente ligada com assassinos em série, pois, os mesmos sentem satisfação no momento que estão com as vítimas, podendo até mesmo reanimá-las para continuar sua prática criminosa.

2.2 O diagnóstico psicopatológico: dissertando sobre os comportamentos dos indivíduos como “Transtorno de conduta”

Segundo Macedo e Masnini (2019), a psicopatia pode ser definida como um “distúrbio mental” em que o indivíduo acometido por tal doença, apresenta condutas antissociais e reprováveis diante da sociedade, sem sentir culpa ou remorso por seus atos, não possuem empatia, são pessoas que pensam apenas em si e são incapazes de manter uma relação estruturada.

O DSM V (Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) não nomeia os diagnósticos que envolvem os comportamentos criminosos e delituosos como psicopatia, sendo nomeado, em tal manual, como Transtorno de Personalidade Antissocial. De acordo com DSM V (2014, p. 659), os critérios diagnósticos para tal transtorno são:

1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.

2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.

Ted Bundy, por exemplo, um assassino em série americano nascido em 1946, se torna um claro exemplo de homicida que enganava as pessoas com sua lábia e simpatia, era cativante e um “garoto normal e ativo” segundo sua mãe na minissérie (Conversando com um serial killer: Ted Bundy..., 2019). Seu alvo eram mulheres jovens, em sua maioria com cabelos longos e repartidos ao meio.

No ano de 1978, James Warren Jones, mais conhecido como Jim Jones, liderou um suicídio em massa com a promessa de que esse ato revolucionário era em protesto às condições desumanas do mundo, tanto que eles não tinham contato com a sociedade, sabendo desse caso podemos enquadrar Jim como missionário, pois o mesmo acreditava que era reencarnação de Jesus, Buda e Lenin. John Wayne Gacy também foi um assassino em série, nascido em Chicago e era considerado um cidadão modelo, fazendo seu papel na sociedade com caridades e causas benéficas, além de se fantasiar de palhaço para alegrar festas infantis. Contudo, realizava suas fantasias de morte com as vítimas no porão de sua casa, as torturando com requintes de crueldade.

Diante dos casos mostrados, entende-se que não há um padrão específico que os caracterize, o assassino em série vive uma vida em que ele possui uma falsa aparência para a sociedade, com intuito de esconder o que há de mais obscuro dentro dele se mostrando um bom pai, um bom trabalhador, um bom marido e até mesmo um bom amigo.

Na infância, nenhum aspecto isolado define a criança como um *serial killer* em potencial, mas a chamada “terrível tríade” parece estar presente no histórico de todos os *serial killers*: enurese em idade avançada, abuso sádico de animais ou de outras crianças, destruição de propriedade e piromania (Casoy, 2004, p. 18).

O modo de operação se enquadra como um padrão utilizado pelo assassino no momento da prática do crime. “O *modus operandi* pode mudar, de acordo com as práticas dos crimes, pois o assassino vai sofisticando e aperfeiçoando seus métodos” (Vellasques, 2008, p. 50). O modo de operação, traduzido para o português, pode ser entendido como o local que ele costuma abordar as vítimas, a forma como realiza a captura ou elementos deixados após a prática do assassinato.

Por sua vez, no cometimento do crime o assassino em série possui grande necessidade de deixar uma marca ou uma assinatura que advém de sua ideação. Em relação a distinção da assinatura e o modo de operação, observa-se que a primeira não se modifica e o outro se altera, de acordo com sua precisão (Vellasques, 2008). Em relação à atuação do assassino em série, eles podem ser divididos entre organizados e desorganizados. Segundo (Vellasques, 2008, p. 46),

Organizados são aqueles criminosos que planejam o crime nos mínimos detalhes, são calculistas, buscam o crime perfeito, não deixando vestígios. Com antecedência, preparam as armas que serão utilizadas e as técnicas para seu o seu ritual. Já os desorganizados pouco se importam com os possíveis vestígios deixados no cometimento do crime, agem por impulso e chegam à cena do crime despreparados.

Segundo Innes (2009, p. 75) o FBI classifica as seguintes características típicas de criminosos. A tabela 1 elucidará melhor os dois tipos de criminosos:

Tabela 1 - Tipos de criminosos

ORGANIZADO	DESORGANIZADO
Inteligência acima da média	Abaixo da média em inteligência
Socialmente habilidosos	Socialmente inadequados
Possivelmente trabalhador qualificado	Trabalhador não qualificado
Sexualmente competente	Sexualmente incompetente
É o mais velho dos irmãos	É dos irmãos mais novos
Pai com emprego estável	Pai com emprego instável
Disciplina inconsistente na infância	Disciplina rígida quando era criança
Controlado durante o crime	Ansioso durante o crime
Uso de álcool associado ao crime	Uso mínimo de álcool
Estresse situacional que precipita a conduta	Estresse situacional mínimo
Mora com alguém	Mora sozinho

Pode locomover-se, tem um carro bom

Mora / trabalha perto da cena do crime

Tem interesse nas notícias do crime

Não se interessa na mídia

Fonte: Innes (2009)

Para Robert Reesler e John Douglas, agentes parceiros no FBI, enumeraram características gerais de assassinos sexuais em série que ajudasse na identificação dos mesmos (Schrechter, 2006, p. 66):

1. A grande maioria são homens brancos solteiros.
2. Eles tendem a ser inteligentes, com QI na faixa “normal brilhante”.
3. Apesar de seus altos QIs, eles se saem mal na escola, têm dificuldade em manter empregos e muitas vezes trabalham como trabalhadores não qualificados.
4. Eles tendem a vir de famílias marcadamente instáveis. Normalmente, eles são abandonados quando crianças por seus pais e criados por mães dominadoras.
5. Suas famílias muitas vezes têm antecedentes criminais, psiquiátricos e alcoólatras.
6. Eles odeiam seus pais. Eles odeiam suas mães.
7. Eles são comumente abusados quando crianças – psicologicamente, fisicamente e sexualmente. Às vezes, o agressor é um estranho. Às vezes é um amigo. Muitas vezes é um membro da família.
8. Muitos deles acabam passando tempo em instituições quando crianças e têm histórico de problemas psiquiátricos precoces.
9. Têm um alto índice de tentativas de suicídio.
10. Desde cedo se interessam intensamente por voyeurismo, fetichismo e pornografia sadomasoquista.

Innes (2009) em sua revista denota que Kim Rossmo, criador de perfis geográficos que analisam padrões de caça do agressor, divide em três grupos os atacantes, o raptor que ao ver a vítima já à ataca; o perseguidor como o próprio nome diz, ele persegue a pessoa escolhida até achar uma oportunidade para abordar e o predador que agride a vítima depois de atraí-la para um local específico, um local em que o assassino pode estar no controle.

Segundo o Dr. Joel Norris, Phd em Psicologia e escritor, descreveu seis fases de um ciclo do assassino serial, a *fase áurea* consiste quando o assassino começa a perder o senso da realidade, começa a fantasiar; *fase da pesca*, quando a busca pela vítima se torna real; *fase galanteadora*, o assassino mostra toda sua lãbia para conquistar a vítima ideal; *fase da captura* a vítima cai na lãbia e na armadilha; *fase do assassinato ou totem*, momento de maior êxtase, quando ele elimina sua vítima; e por fim, *fase da depressão* que ocorre depois que ele aniquila a vítima (Norris, 1990 *apud* Casoy, 2004)

Segundo o modo de operação do assassino em série, um caso que exemplifica melhor é o de Edmund Kemper, considerado o assassino das colegiais, onde costumava dar caronas para estudantes de Universidades, Ed relata que sempre costumava fazer o mesmo procedimento, oferecia a carona, matava a

vítima e as levava para casa e espartilhava seus corpos, às vezes mudava a maneira que matava, uma vez utilizava a faca, outra utilizava os braços para sufocar e também poderia utilizar arma para atirar (Bonafé; Moreira, 2022).

2.3 Desenvolvimento psíquico dos assassinos em série: possíveis etiologias

Como citado anteriormente, assassinos em série não possuem uma etiologia específica com enquadramento em algum diagnóstico. Tal cenário se deve, em parte, à multiplicidade de abordagens que propõem, cada qual à sua maneira, explicações sobre a psique e sobre o comportamento dos sujeitos. Nesse sentido, assim como as abordagens psicológicas variam em suas explicações, a causação da estruturação psíquica das pessoas que acabam por tornarem-se serial killer também varia. Contudo, propondo-se uma exegese de leituras de diferentes abordagens, almeja-se tanger, neste subtópico, algumas causas sob diferentes pontos de vista.

Uma das causas a ser abordadas é o ambiente opressor vivenciado desde a infância pelos sujeitos que se tornaram posteriormente assassinos em série. Sem condições facilitadoras para o indivíduo ter a tendência de se autodesenvolver, assim como na teoria de Carl Rogers, psicólogo americano, na qual explica que o ser humano tende a se autorrealizar com instrumentos que ele possui, caso o mesmo esteja inserido em um ambiente acolhedor (Fernandes, 2023).

Edmund Kemper, Theodore Robert Bundy, John Wayne Gacy e Gary Ridgway possuem, por exemplo, uma área de sua vida em comum, haja vista que eles foram criados em ambientes hostis, com problemas familiares relacionados a álcool, lidaram com a violência dentro de casa, além de serem vítimas de pais ou mães agressivos. Entretanto, não se pode afirmar peremptoriamente que qualquer indivíduo que nasça em um lugar desestruturado poderá se tornar um assassino em série, mas a comparação entre os casos revela que a prevalência de um ambiente pode afetar significativamente o indivíduo. (Guimarães, 2019).

Nesse lance, a teoria freudiana acredita, entre outras considerações, que a agressão nasce de traumas adquiridos na infância e que são esses conflitos trazidos desde a infância que tornam a maioria desses indivíduos pessoas capazes de matar cruelmente outro ser humano (Cordeiro; Muribeca, 2017)

Por sua vez, sob o referencial psicanalítico, utiliza-se conceitualmente o “Complexo de Édipo”, elaborado por Sigmund Freud, para se pensar o desenvolvimento psíquico. Nesta fase do desenvolvimento, o filho começa a sentir uma forte atração/desejo pela mãe e torna-se rival de seu pai, criando uma

competição na qual ele quer ganhar atenção de sua progenitora. De acordo com Innes (2009, p. 57), “se a mãe for muito permissiva ou o pai for ausente, a criança não consegue resolver o seu ciúme e pode desenvolver ódio pelas mulheres e expressar isso atacando”.

O desenvolvimento de social começa no início da vida e progride quando a criança aprende a interagir, negociar e se comprometer com outros. Em alguns casos individuais, a falha neste desenvolvimento adequado no mecanismo de lidar com os outros pode resultar em comportamentos violentos. Além disso, negligência e abusos na infância foram aspectos estudados que podem contribuir no aumento do risco de futuras violências (Ferreira, 2010, p. 15).

Como afirma Guimarães (2019, p. 8),

Também é com frequência relatado que os *serial killers* passaram por algum acidente ou agressão na infância que gerou danos cerebrais ou que existe alguma alteração química na mente. Por exemplo, John Gacy, o “Palhaço Assassino”, desmaiava com frequência devido a algum tipo de anomalia cerebral. Já Arthur Shawcross, o “Assassino do Rio Genesee”, tinha duas fraturas no crânio.

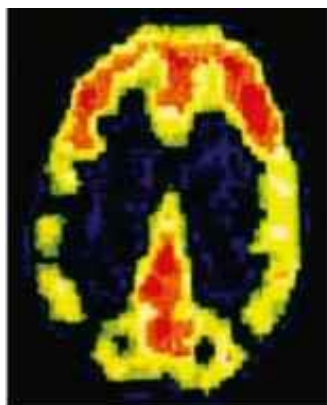
Diante disso, não se pode afirmar que a criação do assassino em série é o resultado de uma sociedade moderna, pois, sempre estiveram inseridos em variados locais e diferentes tradições, mas não eram conhecidos como tal, por isso, passavam a ser vistos com olhos críticos (Guimarães, 2019). Adrian Raine, professor de criminologia, psiquiatria e psicologia realizou um teste em 41 detentos assassinos que estavam no corredor da morte e efetivou com um exame de imagem no cérebro dos mesmos.

A técnica utilizada se chama PET, tomografia de emissão de pósitrons, que conseguiria medir as atividades de diversas áreas do cérebro. (Raine, 2015, p. 86). No exame o detento apertava um botão toda vez que aparecesse a letra “O” no computador durante 32 minutos trabalhando a atenção por um longo período, em seguida eles eram levados para mensurar o nível de metabolismo de glicose teria ocorrido durante o exame, com isso, quanto maior o metabolismo de glicose significaria que aquela parte do cérebro havia sido mais estimulada e se esforçado (Raine, 2015, p. 87). A Figura 1 mostrará o resultado da pesquisa do cérebro de pessoas normais e pessoas assassinas.

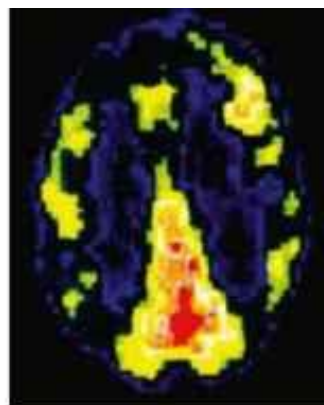
Figura 1 - Cérebro de pessoas normais e assassinos

Fonte: Raine 2015

NORMAL



ASSASSINO



Conforme apontam as imagens acima, tem-se uma visão panorâmica de tomografia por emissão de pósitrons (PET), mostrando funcionamento reduzido da área pré-frontal (topo da imagem) em assassinos em comparação com controles. As cores vermelho e amarelo indicam áreas de alto funcionamento cerebral (Raine, 2015, p. 87).

Para Raine (2015) a redução na região pré-frontal no cérebro dos assassinos mostra que essa diminuição afeta em diversas áreas da vida deste indivíduo, sendo no nível emocional com a perda de controle, onde as emoções negativas poderão ser mais intensas; no nível comportamental pode estar relacionado a não seguir regras estabelecidas pela sociedade e a falta de responsabilidade; no nível da personalidade retratam que o cérebro dos assassinos possuem danos resultados na impulsividade, não possuir autocontrole para lidar com as adversidades e não conseguir lidar com normas; já em nível social pode atrapalhar na formação de sua maturidade, na falta de prudência para com suas relações e a falta de um julgamento crítico correto da sociedade; e por fim, o nível cognitivo com dificuldade no intelecto e inabilidade de resolver problemas.

Outro fator social que pode contribuir negativamente ou positivamente, é a instituição familiar que se encontra no cerne da vida do indivíduo. Faco e Melchiori (2009) realizaram uma pesquisa com 48 adolescentes com idades entre 13 e 18 anos, a função da família de acordo com estes jovens, se baseia em suporte emocional, fonte de paz e entre outros, porém, não são todos os casos que acontecem isso.

Algumas famílias podem ter o histórico de agressões, vícios e abusos diversos, com crenças preconceituosas, exemplificadas com o machismo e a intolerância com outras orientações sexuais, estes sinais de comportamentos podem reprimir indivíduos e prejudicá-los em sua formação (Carvalho, 2021).

3- METODOLOGIA

Neste tópico serão abordados aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo os procedimentos necessários e úteis para se identificar as possíveis causas que podem tornar um assassino em série. Nesse sentido, a presente proposta, se enveredou pelo ponto de partida de um estudo de caso, qual seja, da vida de Edmund Kemper, assassino americano, envolvendo uma pesquisa acerca de sua vida. Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa, com uma pesquisa exploratória.

O estudo de caso se baseia em uma pesquisa detalhada de um objeto de estudo individual, podendo adquirir o máximo de conhecimento a partir da exploração de um único caso ou de múltiplos, com uma abordagem qualitativa ou quantitativa (Ventura, 2007). “Um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real”(Yin, 2015 p. 4)

Tendo em vista, o quão é valioso o estudo de caso para um artigo, o mesmo se mostra de grande valia ao ser utilizado em pesquisas científicas e no desenvolvimento de diversas áreas da Psicologia, sendo para ela, estudos de apenas um caso mais comuns, devido à análise que se faz aprofundada de apenas um objeto, contudo, existem outros tipos de estudos de caso como: *os estudos de casos múltiplos*, com uma revisão de diversos objetos de estudos, *estudos de casos comparativos* que justamente tendem a comparar os casos, *estudos de casos comunitários* onde ocorre uma investigação de um determinado local, bairro, cidade, moradores que passam por situações comuns, e entre outros estudos (Peres; Santos, 2005)

A priori, para o embasamento do estudo, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório. “A pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso” (Gil, 2008, p. 3). As pesquisas exploratórias, por sua vez, costumam ser utilizadas por sua maleabilidade na hora de investigar assuntos que exijam uma dificuldade na compreensão, por se tratar de assuntos profundos. Recomenda-se que seja utilizada ao iniciar uma análise do problema e criar hipóteses (Ventura, 2007).

O presente estudo de caso se pauta através da análise de apenas um caso para investigação aprofundada sobre o tema. Os materiais utilizados foram retirados das seguintes plataformas: Scielo, Google Acadêmico, Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM), Portal Periódicos.

A busca por materiais que contribuam na criação deste artigo se deu preferencialmente nos últimos 20 anos, obtendo como critério às palavras-chave: assassinos em série, contextos sociais e modo de operação, pois, são palavras norteadoras no momento da pesquisa. O presente estudo não necessitou da análise de um comitê de ética, pois, o mesmo é de conhecimento público expostos através das mídias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo de caso abordará a vida de um assassino em série americano Edmund Kemper que vitimou pessoas com a finalidade de satisfazer seus próprios desejos. É de extrema necessidade que se estude sobre esses casos para que chegue a uma raiz do problema, ou crie formas de prevenção para que não se espalhe ainda mais a cultura do assassino em série, pois, debatendo as adversidades sem tornar o assassino uma celebridade acrescenta muito mais na sociedade.

4.1 Apresentação do caso

A biografia de Edmund Kemper foi retirada de duas fontes diferente, uma foi a revista “Perfil de uma mente criminoso: A psicologia solucionando os crimes da vida real” (Innes, 2009) e a outra um artigo (Raither; Siewert, 2021) ambos auxiliaram para que o estudo de caso fosse realizado. Edmund Emill Kemper III nasceu em 1948, na cidade de Burbank, Califórnia. Kemper vivia com duas irmãs, o pai e a mãe até que os pais se separaram quando ele tinha 9 anos. O relacionamento com a mãe era caracterizado por brigas e ofensas por parte da progenitora, segundo Edmund. O pai Edmund Kemper II, era veterano na Segunda Guerra Mundial e depois se tornou eletricista, onde trabalhava com energia atômica, um dia comentou que seria preferível trabalhar com o que trabalhava do que estar perto de sua esposa Clarnel (mãe de Kemper).

A irmã relata que os pais brigavam muito e o pai tinha costume de sair para beber. Ambos não eram capazes de demonstrar carinho e com isso afetava os filhos trazendo consequências para a vida de Kemper, que sentia-se inseguro, e depois da separação a sensação de ser rejeitado se intensificou. Assim com o relacionamento de brigas do pai com a mãe, Edmund começou a reproduzir comportamentos negativos em relação a Clarnel. Quando Kemper e ela bebiam, as discussões eram intensas a ponto que ele fantasiava sobre a morte da mãe. Um dos motivos que fez com que Ed tivesse seu quarto trocado para o porão de sua

casa, era a falta de confiança por parte da mãe, pois, a mesma tinha receio dele abusar de sua irmã Susan. A irmã dizia ouvir os gritos do irmão e que ele costumava se urinar nas calças por ser um lugar escuro.

Uma das brincadeiras de Kemper era imaginar que estava sendo asfixiado em uma câmara de gás ou até mesmo mutilar e esquarterar as bonecas das irmãs, que tempos depois migrou para os maus-tratos com os gatos que tinha em sua casa, a tortura se manifestava quando enterrava o animal vivo, desenterrava e os dissecava. Na escola, Kemper sofria bullying por seu tamanho, que na adolescência já era muito alto, sendo considerado o “esquisitão” e estava sempre sozinho. Aos 14 anos, a mãe relatou achar o filho “anormal”, por isso envia Edmund para morar com seus avós, que viviam em um rancho afastado em North Ford, Califórnia.

Edmund não fica feliz com a mudança, porém, o avô o presenteia com um rifle, como efeito Kemper adota uma nova atividade: caçar animais, dissecá-los e colecionar como troféu de sua conquista, conquista essa que se volta contra a avó, pois a mesma pede para que o neto não mate os passarinhos, com isso, ela passa a ser a vítima. Kemper matou os dois avós e ligou para a polícia, ao se entregar ele relata que gostaria de saber como seria matar alguém. O assassino é internado no Hospital Psiquiátrico na cidade de Atascadero, estado americano da Flórida, onde foi diagnosticado com “perturbação dos traços da personalidade, tipo passivo-agressivo” (Innes, 2009).

Em 1969, aos 21 anos, Kemper é liberado sob custódia da mãe, onde eles se mudam para Santa Cruz, Califórnia. Clarnel consegue outro emprego como professora na Universidade da Califórnia. Embora sua altura e peso fossem considerados altos e cujo QI era de 145, Edmund não conseguiu se tornar um policial (sendo sua vontade), justamente por sua estatura, o que não impediu que ele comprasse um carro semelhante a carros de polícia e andasse pela cidade oferecendo carona para garotas jovens. Além do carro, outro costume era frequentar bares conhecidos como “points” para policiais, as conversas sobre investigações, armas, crimes, eram como *hobbies* para o “*Big Ed*” (apelido dado por agentes).

Kemper começou a dar caronas para universitárias da mesma instituição em que sua mãe trabalhava, o mesmo relata que criou formas de se passar como confiável para que as suas vítimas entrassem no carro sem pensar que esses seriam seus últimos momentos. A checagem no relógio como se perguntasse “será que vai dar tempo?”, estacionar o carro, não ficar olhando esquisito para elas são comportamentos como esses apontados por Edmund, demonstravam que “ele não seria aquele cara”.

Em 1972 após uma discussão com a mãe, Kemper pegou o carro dela e ofereceu carona para suas primeiras vítimas universitárias Mary Ann Pesce e Anita Luchessa, levando-as em um lugar isolado e as

esfaqueando, após a morte Edmund profana o corpo das vítimas, e as desmembra na montanha de Santa Cruz. Quatro meses depois, outra adolescente também teve sua vida ceifada com apenas 15 anos de idade. Kemper enterrou sua cabeça de frente a janela do quarto de sua mãe, pois segundo ele, Clarnel afirmava que gostaria que as pessoas a olhassem de baixo para cima.

Em fevereiro de 1973, sua caçada se intensificou ainda mais, sequestrando outras duas garotas no campus em que sua mãe trabalhava em Santa Cruz da Merrill College, tirando suas vidas de forma instantânea. Na madrugada do sábado de Páscoa, Edmund mata sua mãe com um martelo e tritura sua laringe, pois, segundo ele, achou apropriado já que a mesma gritava e o xingava ao longo de tantos anos.

Depois de matar Clarnel, Kemper convida uma amiga de sua mãe e também acaba com a sua vida estrangulando-a. Na manhã seguinte, ele deixa um bilhete em sua casa direcionado para os policiais, onde ele afirmava “Não havia necessidade de que ela sofresse nas mãos do horrível açougueiro assassino e que teria sido rápido enquanto ela dormia”. Kemper chega a Pueblo, Colorado e se entrega para a polícia com uma ligação telefônica onde afirma ser o assassino das universitárias, a polícia não acredita de início, porém, com a quantidade de ligações, os agentes vão até ele e o prendem.

4.2 Análise do caso

Anteriormente levantou-se a discussão da real etiologia dos assassinos em série, contudo, atualmente não se tem uma resposta exata para explicar o porquê dos cometimentos dos crimes. O desejo de aniquilar o outro pode estar ligado ao prazer, prazer este que outras pessoas também sentem, porém são voltados para uma viagem, uma roupa, a escolha de uma profissão ou até mesmo a preferência de um parceiro.

A vida de Kemper inicialmente já possui uma característica agressiva, devido à família disfuncional que o mesmo possuía, suas brigas com a mãe mostram que ele nutria uma raiva por não ser elogiado por ela, além dele alegar que Clarnell sempre gritava com ele. Em contrapartida, na sociedade a figura da mãe geralmente se torna a maior referência, sinônimo de amor e proteção para os filhos, sendo dado a ela o exercício da criação.

As torturas que Edmund realizava com os gatos já demonstravam que ele possuía certo grau de perversidade, sendo de sua natureza à agressividade. A mutilação empregada nas bonecas também eram indícios dessa tal crueldade, que mostraria anos depois que essas agressões seriam escalonadas para seres

vivos, podendo demonstrar que Kemper passou pela terrível tríade, onde a agressão com animais faz parte. Ainda em relação a terrível tríade, na infância nenhum fator isolado caracteriza a criança como um assassino em série, mas pode-se encontrar dois aspectos da terrível tríade em Kemper, como já relatado a violência com animais e a enurese. Kemper urinava a noite enquanto estava no porão de sua casa.

A ausência do pai de Edmund em sua vida intensificou ainda mais o sentimento de rejeição que ele já sentia através de sua mãe. A criança acredita que ela era má e por isso o abandono familiar. A consequência desta rejeição pode gerar emoções e reações diversas, desde a tristeza até a agressividade. (Benczik, 2011).

Para Winnicott (2010), a intervenção do ambiente afeta significativamente a vida da criança em sua fase de desenvolvimento. A mãe possuindo um papel importante na vida do filho pode prejudicar ou ajudar que este desenvolvimento ocorra, pois, se a mesma não for preparada para cuidar da criança ou se intrometer excessivamente, poderá trazer consequências para a vida do filho, como tendência a depressão e obter condutas antissociais.

Além dos problemas encontrados em casa, Kemper era excluído da sociedade por seu porte físico, ele chamava atenção por ser “diferente”, isso impedia a sua integração social. Para Edmund, matar pessoas seria uma forma de se vingar de uma sociedade que o tratava tão mal, uma forma de equilibrar o que eles o fizeram com a crueldade que ele consumava (Elias, 2019).

Dentro de uma perspectiva das possíveis etiologias comportamentais de pessoas que se tornam assassinos em série, o assédio sexual infantil mostra sua contribuição em um futuro risco de violência. Kemper foi supostamente abusado sexualmente por uma de suas irmãs (Fisher; Fisher, 2003 *apud* Elias, 2019). Porém, é importante ressaltar que tal não se trata de uma casuística, que toda pessoa que sofreu abuso ou violência de qualquer forma que seja não necessariamente se tornará um assassino em série ou uma pessoa com conduta agressiva.

Segundo a psicanálise, o ambiente problemático implicaria em desajustes emocionais da vida do indivíduo, inserido neste local. Se houver alguma falha em determinada fase natural que integra o desenvolvimento do indivíduo, esta formação pode ser comprometida. A família pode ter influência direta com a personalidade e a conduta criminosa dos assassinos em série (Cordeiro; Muribeca, 2017)

Embora a vida de Edmund Kemper tenha indícios que o ambiente desestabilizado influenciou consideravelmente sua vida, não se pode afirmar que assassinos em série lidaram com situações

semelhantes ao de Kemper. É importante ressaltar que ao analisar a vivência de cada um vão existir fatores que se diferem, pois, a subjetividade é inerente ao ser humano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo o tema central foi o assassino em série em diferentes perspectivas, analisando a sua definição diagnóstica conceitual, a etiologia de sua estrutura psíquica, seus comportamentos típicos, e, por fim, utilizou-se de estudos de casos a fim de se representar e de melhor compreender as razões que os levam a assassinar outras pessoas. Nesse sentido, compreendeu-se que o assassino em série é um indivíduo que sente necessidade de aniquilar outras pessoas, as escolhas das vítimas são feitas de acordo com seu próprio desejo e costumam ter um modo de operação na hora que estão realizando o crime, a forma de matar, assim como uma assinatura deixada por ele.

Diante do que foi pesquisado, pode-se concluir que a etiologia das características psicológicas dos assassinos em série se encontra, no momento, inespecífica, o que dificulta afirmar a causa de sua violência expressa em agressões, seu prazer no sofrimento alheio e sua falta de empatia para com os outros. Porém, algumas abordagens, tal como a Psicanálise, adota um ponto de vista que leva a compreender a estruturação psíquica de tais pessoas a partir da inserção do sujeito na cultura e na linguagem. A partir de tal teoria, compreende-se que há tanto, variáveis que partem de sujeito, quanto há circunstâncias que estão no discurso no qual ele é inserido. Essa intersecção fornece um quadro para se pensar como alguns sujeitos denegam a Lei, desafiando-a com os assassinatos, impondo-se imperativos que influenciam a repetição dos crimes, tornando-os assassinos seriais.

Como afirmado acima, o presente artigo utilizou-se de estudo de caso com intuito de elucidar a teoria com situações relatadas com situações ditas reais, demonstrando a jornada pregressa de um assassino serial, sua história de vida, o ciclo familiar que o mesmo estava inserido, assim como, a fantasia idealizada dentro da cabeça de um homicida sequencial.

É necessário que se tenha outros estudos acerca das causas destes assassinos, pois assim, poder-se-á haver, talvez, uma possível resposta para a compreensão da mente destes indivíduos e se possíveis tratamentos viáveis, tanto para o assecuramento da vida do assassino quanto para a sociedade vítima dele.

ABSTRACT: Introduction: Serial killers are people who kill other individuals according to their own desire, revealing strategies regarding the choice of victims, according to their sexual, social and even cultural preferences. The following article denotes the importance of studying serial killers and the different contexts that can classify them as they are known and which will be presented later. **Objectives:** To this end, there is a reflection on the causes for the creation of serial killers, the behaviors that characterize them and their definition. **Methodology:** In this article, a case study was used to better understand a real case of a serial killer using exploratory research. **Results and Discussions:** This subtopic presents a case study based on real facts from the life of a sequential killer, how his life story developed and the environment he was part of, highlighting how an unstructured space can contribute negatively to people's lives. **Final Considerations:** According to research carried out in the process of this article, it was not possible to find causes for the creation of a serial killer, as there are several external and internal factors that can directly and indirectly influence a person's life.

Keywords: Serial killers. Social contexts. Operation mode

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5..** 5 Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:
<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>
- BONAFÉ, Mabê; MOREIRA, Carol. **Modus Operandi:** Guia de True Crime. 1. ed. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1f8nP62VVK_dSHbq7Jie-LLjFh7v9kjfP/view
- CARVALHO, Ana Lara Cândido Becker de. Tornando-se um serial killer: A relevância dos fatores familiares, sociais e psicológicos para a formação de assassinos em série. **Olhar Criminológico**, Quixadá: ABC, ano 2021, p. 20-33, Semestral. Disponível em:
<https://abcriminologia.com.br/revistaoc/arquivos/revista-oc-vol11-ano5.pdf#page=20>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- CASOY, Ilana. **Serial killers:** louco ou cruel?. 6. ed. São Paulo: WVC, 2004.
- CONVERSANDO COM UM SERIAL KILLER: TED BUNDY. Direção: Joe Berlinger. Produção: Joe Berlinger. Estados Unidos : Radical Media , 2019. (235min), son. color. Legendado. português.
- CORDEIRO, Carolayne Haline Carneiro; MURIBECA, Maria das Mercês Maia. ASSASSINOS EM SÉRIE: DA NECESSIDADE DE UMA POLÍTICA CRIMINAL PARA OS PSICOPATAS. **Revista**

direito mackenzie, João Pessoa, 6 nov. 2017. Disponível em:

https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Rev-Dir-Mackenzie_v.11_n.02.06.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.

DUPLA Identidade. Direção: Mauro Mendonça Filho. Produção: Simone Lamosa. Roteiro: Gloria Perez. Rio de Janeiro: Globoplay, 2014. DVD, son. color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/dupla-identidade/t/mcCRZgrVkB/temporadas/1/>. Acesso em: 1 out. 2023.

ELIAS, Juliana Cristina. Sociopatas ou Psicopatas?: Análise de casos. Orientador: Dr. Luiz Antônio Barroso Rodrigues. 2019. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11076/1/julianacristinaelias.pdf>. acesso em: 13 out. 2023.

FACO, Vanessa Marques Gibran; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana. In: VALLE, Tânia Gracy Martins do. (Org.). Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. cap. 6. p. 121-136, ISBN: 9788598605999. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/krj5p/pdf/valle-9788598605999.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FERNANDES, Fausto Rocha. **Psicoterapia Humanista**. 1 ed. São Paulo: Lux, 2023.

FERREIRA, Caio. **Modus Operandi**: O ritual do serial killer. São Paulo: Centro de Investigação do comportamento das emoções, 2018. *E-book* (17p.) color. Disponível em:

[file:///C:/Users/DELL/Downloads/Modus%20Operandi%20-%20o%20ritual%20do%20serial%20killer%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/Modus%20Operandi%20-%20o%20ritual%20do%20serial%20killer%20(2).pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

FERREIRA, Giovana Pusch Chiuratto R.. SERIAL KILLER: geral e particular. Orientador: Talitha Ferraz de Souza . 2010. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica , São Paulo, 2010. Disponível em:

<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/28931/1/Giovana%20Pusch%20Chiuratto%20R.%20Ferreira%20-%20TCC.pdf>. acesso em: 24 set. 2023.

GIL, Robledo Lima. TIPOS DE PESQUISA. São Paulo. 02008. Apresentação Power Point. 13 slides. color. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>. Acesso em: 2 out. 2023.

GUIMARÃES, Rafael Pereira Gabardo. O perfil psicológico dos assassinos em série e a investigação criminal. **Revista da Escola Superior de Polícia Civil**, Curitiba, 2019. Disponível em:

<http://www.revistas.pr.gov.br/index.php/espc/edicao-2-artigo-5>. Acesso em: 05 jun 2023.

INNES, Brian. **Perfil de uma mente criminosa**: A psicologia solucionando os crimes da vida real. 1. ed. São Paulo: Escala, 2009a

INNES, Brian. **Perfil de uma mente criminosa**: Histórias reais de casos que abalaram a Europa e os EUA. 3. ed. São Paulo: Escala, 2009b.

LIMA, Giovanni Roma de; SANCHEZ, Claudio José Palma. O SURGIMENTO DE UM ASSASSINO SEQUENCIAL. Encontro de Iniciação Científica, [s. l.], 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/6470-17536-1-PB.pdf>. Acesso em: 7 out. 2023.

MASNINI, Lethicia Aparecida; MACEDO, Fernando Luis. Psicopata e Sociopata: Uma revisão da literatura. **Revista Interciência**, Catanduva, p. 56, Dez. 2019. Disponível em: <https://www.fafica.br/revista/index.php/interciencia/article/view/113/29>. Acesso em: 02 out. 2023.

PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 109-126, dez. 2005, 1413-2907. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35402008.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

RAINE, Adrian. **A anatomia da violência**: As raízes biológicas da criminalidade. Tradução: Maiza Ritomy. Porto Alegre: Artmed, 2015. 449 p. Título original: The Anatomy of Violence: The Biological Roots of Crime. Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/A%20Anatomia%20da%20Viole%CC%82ncia%20\(Adrian%20Raine\).pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/A%20Anatomia%20da%20Viole%CC%82ncia%20(Adrian%20Raine).pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

RAITHER, Bruna Raquel Franz; SIEWERT, Clarice Steil. A MÃE NO REAL: UM CASO SOBRE MATRICÍDIO . **Repositório Universitário da Ânima** , Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/18310/1/BRAITHER%2010.07.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

REZENDE, Bruna Falco de. **Personalidade Psicopática** . Orientador: Geisa Rosignoli Neiva . 2011. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena, 2011. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/2019/08/BRUNA-FALCO-DE-REZENDE-2.pdf>. acesso em: 1 out. 2023.

SADISMO. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2009 - 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sadismo/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SCHECHTER, Harold. **Crime Scene Serial Killer: Anatomia do mal entre na mente dos psicopatas**. Nova York, 2006, Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/Serial%20Killers%20-%20Anatomia%20do%20Mal_%20Entre%20Na%20Mente%20dos%20Psicopatas%20-%20Harold%20Schechter.pdf

VELLASQUES, Camila Tersariol. O perfil criminal dos serial killers. **Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”** Presidente Prudente/SP, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/840-982-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 ago 2023

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Socerj**, Rio de Janeiro, ano 2007, Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. São Paulo: Bookman, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EtOyBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=YIN,+Robert.+K.+Estudo+de+caso&ots=-m4fnnA_rv&sig=JoU_QR9vzo9Su3N1zTcV_F3sQug#v=onepage&q=YIN%2C%20Robert.%20K.%20Estudo%20de%20caso&f=false. Acesso em: 13 nov. 2023.